

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

“PELA DESOBEDIÊNCIA DOS MANSOS”: O AFINCO FEMININO NO RELACIONAMENTO ABUSIVO PELA ANALOGIA LITERÁRIA DA POESIA MITOLÓGICA SOBRE A MULHER DE LOT

Kalita Macêdo Paixão¹

Resumo: O artigo desenvolvido propõe a associação literária para consolidar uma investigação de natureza feminista em direto, ao tratar do problema da escolha das mulheres pela permanência em relações abusivas. Sob pressuposto da frequente culpabilização das vítimas femininas como mais uma questão a ser por elas enfrentada no ciclo da violência, objetiva-se a necessária desconstrução da imagem deturpada que fora edificada sobre essas mulheres. Pondera-se que esta imagem, decorrente da tendência das vítimas à hesitação no deixar o “espaço” que as vulnerabiliza, na verdade encobre diversos aspectos da subjetividade feminina, digna de ser levada em consideração. Deste modo, através da pesquisa explicativa e bibliográfica, baseada na revisão e análise de literatura, possibilita-se traçar um paralelo entre o eu lírico dos poemas homônimos *A Mulher de Lot*, de Anna Akhmatova e Wislawa Szymborska, com a simbologia associável ao mito. Depreende-se, portanto, a humanização da figura da mulher-vítima através da abordagem sensível às suas particularidades, afastando-a do lugar de culpa pela manutenção das suas vulnerabilidades.

Palavras-chave: mulheres; culpabilização; violência doméstica e familiar; literatura.

Abstract: *The developed article proposes the literary association to consolidate a direct investigation of a feminist nature, when dealing with the problem of women's choice to remain in abusive relationships. Under the assumption of the frequent blaming of female victims as one more issue to be faced by them in the cycle of violence, the objective is the necessary deconstruction of the distorted image that had been built about these women. It is considered that this image, resulting from the tendency of the victims to hesitate to leave the “space” that makes them vulnerable, actually covers up several aspects of female subjectivity, worthy of being taken into*

¹ Advogada e Pesquisadora FAPESB. Pós Graduada em Ciências Criminais pela Universidade Cândido Mendes – UCAM, Mestra em Direito pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL e Doutoranda em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: kalitampaixao@gmail.com | paixaokalita@gmail.com

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

account. Thus, through explanatory and bibliographical research, based on literature review and analysis, it is possible to draw a parallel between the lyrical self of the homonymous poems A Mulher de Lot, by Anna Akhmatova and Wislawa Szymborska, with the symbolism associated with the myth. It appears, therefore, the humanization of the figure of the woman-victim through a sensitive approach to her particularities, moving her away from the place of blame for maintaining her vulnerabilities.

Keywords: *women; blame; domestic and family violence; literature.*

SUMÁRIO: 1 INTRODUÇÃO. 2 A MULHER DE LOT COMO ARQUÉTIPO DE EMPODERAMENTO FEMININO. 3 A MULHER DE LOT NA PERSPECTIVA DO RELACIONAMENTO ABUSIVO. 3.1 A MULHER DE LOT POR WISLAWA SZYMBORSKA 3.2 A MULHER DE LOT POR ANNA AKHMATOVA 4 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A FIGURA DA VÍTIMA FEMININA. 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS. 6 REFERÊNCIAS.

1 INTRODUÇÃO

Ao debruçar-se sobre o recurso literário, pretende-se consolidar uma investigação de natureza feminista em direto, ao tratar da simbologia do mito judaico-cristão da mulher de Lot associada a questões do feminismo contemporâneo. A proposta perpassa pelo processo de destrinchar a interpretação já consolidada do mito em uma perspectiva crítica feminista e de apresentar uma nova ótica sobre a mesma, sob um recorte historicamente estabelecido.

O conto em questão, em conformidade com o retrato que faz sobre a memorável punição imposta à uma mulher pela sua desobediência, se edifica como uma narrativa de empoderamento. A protagonista, ao ser castigada por ousar tão somente considerar não seguir o caminho do companheiro; não seguir em sua companhia; representaria então um arquétipo de mulher empoderada: transgressora, rebelde, e especialmente, insubmissa.

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

Todavia, com a proposição do mito ao crivo histórico, as suas mensagens revelam-se passíveis de (re)interpretação. O olhar atento aos mais novos desdobramentos da desigualdade de gênero permite desvelar a possibilidade de novas associações – no plano simbólico – que evidenciam novas estratégias de perpetuação da opressão. A resignificação das simbologias associáveis ao mito surge, aqui, em prol do desenvolvimento da sensibilidade com as lutas pessoais e internas femininas, que muitas vezes, acabam por distanciá-las da esperada postura de insubmissão.

Em particular, diante do problema da culpabilização das mulheres que sofrem de violência doméstica e familiar como um mecanismo de revitimização, no que tange à sua permanência nessas relações, levanta-se o questionamento sobre de quais maneiras a mulher de Lot pode ser associada às mulheres nesta situação, a partir do seu embate pessoal entre “deixar a tempestade” ou “olhar para trás”.

Supõe-se que o estabelecimento de uma expectativa social pós moderna pela emancipação feminina, quando colocada insensivelmente – ou seja, desatenta aos motivos íntimos, ligados às subjetividades da *psique* da mulher-vítima como sujeito implicado no seu aprisionamento – condena essas mulheres serem desumanizadas, em sentidos literal e metafórico da sua desconstituição como humano². O alicerce do paralelo traçado entre a figura da protagonista do mito e a vítima que nutre um afinco no relacionamento abusivo, é então o suposto merecimento das mazelas por elas vividas, em decorrência de frustrarem as citadas expectativas sociais.

Sendo assim, primeiramente procede-se a uma pesquisa bibliográfica sobre o que se depreende do mito original; o que já fora construído nos estudos acerca da história bíblica; o que já fora interpretado sobre os simbolismos detectáveis no conto

² A mulher de Lot é transformada numa estátua de sal, ou seja, perde sua forma humana. Metaforicamente, a desconstituição da sua humanidade é associável à desumanização literal que acontece com as mulheres (re)vitimizadas no referido contexto.

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

original. O capítulo um então se debruça sobre percepções que levam à compreensão da protagonista do conto original como um símbolo feminino de empoderamento.

A posteriori, dedica-se à proposta de nova análise interpretativa, desenvolvida a partir da literatura construída sobre a mulher de Lot e sua jornada. Referenciando especificamente os poemas homônimos de autoria de Wislawa Szymborska e de Anna Akhmatova, permite-se uma inédita associação da personagem com a figura hipotética da mulher que enfrenta um relacionamento abusivo – em contexto de violência doméstica e familiar – e que também hesita em deixar o “lugar” que a vulnerabiliza.

Em seguida explora-se a subjetividade da mulher; as particularidades tipicamente femininas no que se refere a sua experiência social e amorosa, que são colocadas como sustentáculo das decisões por elas tomadas na sua relação com os homens. O caminho para se libertar de relacionamentos abusivos se mostra tortuoso, cheio de desafios, que envolvem questões muito íntimas e complexas sobre os medos e desejos dessas mulheres, e enxergar essa luta com maior sensibilidade vai permitir que se tenha maior empatia com a sua derrota.

Por fim, com a consciência de que o procedimento que perpassa por essa vulnerabilidade aos tropeços, afasta-se da romantização do seu processo de se reerguer. Depreende-se, portanto, a necessidade de humanização da figura da mulher-vítima através da abordagem sensível à sua experiência particular, rejeitando a ideia de culpa pela manutenção das violências por ela sofridas.

2 A MULHER DE LOT COMO ARQUÉTIPO DE EMPODERAMENTO FEMININO

O mito em análise, protagonizado pela mulher de Lot – ou Ló, como é citado no Antigo Testamento – descreve a história da fuga da família do patriarca diante da eminente destruição de Sodoma e Gomorra. As cidades em questão estariam

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

tomadas pelo pecado, motivo pelo qual anjos enviados por Deus teriam instruído Lot a fugir com a sua esposa e filhas – para que não perecessem junto ao lugar no castigo divino já destinado a recair sobre ele.

Narra a bíblia que os dois anjos, na oportunidade em que visitam Sodoma, enquanto foram acolhidos pela hospitalidade de Lot, acabaram por serem alvos de violentas investidas sexuais dos homens da cidade. Na tentativa de protegê-los, Lot chega a oferecer as suas duas filhas – ainda virgens – em troca³: “Vou trazê-las aqui fora para vocês. Façam com elas o que quiserem. Porém não façam nada com esses homens, pois são meus hóspedes, e eu tenho o dever de protegê-los” (Gêneses, 19:8). Tendo sido os anjos salvos por Lot, o Senhor teve compaixão e fez com que eles o pegassem pela mão, juntamente com esposa e filhas, para o levarem para fora da cidade. A orientação era para partirem depressa, e não olharem para trás.

Diz o livro sagrado, em Gêneses:

Então os visitantes disseram a Ló: — Tem mais gente sua aqui? Pegue os seus filhos, as suas filhas, os seus genros e outros parentes que você tiver na cidade e tire todos daqui, pois nós vamos destruir este lugar. O Senhor Deus tem ouvido as terríveis acusações que há contra essa gente e por isso nos mandou para destruímos Sodoma. [...] De madrugada os anjos insistiram com Ló, dizendo: — Arrume-se depressa, pegue a sua mulher e as suas duas filhas e saia daqui, para que vocês não morram quando a cidade for destruída. E, como ele estava demorando, os anjos pegaram pela mão Ló, a sua mulher e as suas filhas e os levaram para fora da cidade, pois o Senhor teve compaixão de Ló. Então um dos anjos disse a Ló: — Agora corra e salve a sua vida! Não olhe para trás, nem pare neste vale. Fuja para a montanha; se não, você vai morrer (Gênesis, 19:12-17).

Acontece que, mesmo com a instrução clara e direta dos anjos, houve hesitação da parte da família quanto à ordem do Senhor, afronta esta personificada na mulher de Lot. Apesar da incisividade do ditame, a sua postura foi de

³ O que é uma atitude altamente criticável, sobretudo na perspectiva feminista que se propõe na interpretação. O patriarca da família, pai de duas meninas, a oferecem para favores sexuais como se elas a ele pertencessem, como uma propriedade, um objeto sob sua posse. Ainda assim, a bíblia anuncia que é por ele que Deus teria se compadecido.

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

desobediência: diante da possibilidade de sua salvação ao seguir o caminho de seu marido, ela teria escolhido olhar para trás de modo a contemplar a destruição da cidade em chamas, e como castigo, ela teria sido transformada em uma estátua de sal. O simbolismo da condenação refere-se à transgressão; cuja carga recai principalmente à autoria feminina – a insubmissão da mulher tanto diante de Deus, quanto do seu marido; ambas figuras masculinas representativas de autoridade moral na lógica do conservadorismo religioso e patriarcal.

Tanto no Ocidente europeu quanto no Oriente Asiático – no judaísmo, no cristianismo de um modo geral e naquele especificamente católico romano – é possível identificar a propagação de discursos muito similares sobre o “exemplar” castigo dado à mulher de Lot. Quando o mito é tomado pelos poetas, é um ponto comum a característica do “olhar para trás” como uma proibição (Filho e Beserra, 2021). Na tradição judaico-cristã, este comportamento é considerado uma hediondez (Brandão, 1991) ao se associar à figura de Lúcifer, pois “como é de conhecimento geral pela tradição oral, [ele] é atirado de costas do céu para o baixo mundo; assim, ele é o único ser vivente que enxerga ‘para trás’ e por isso sabe o futuro” (Benjamin, 1994 *apud* Filho e Beserra, 2021, p.35).

Tal proibição surge tanto no universo do mito grego quanto em superstições atuais, nos mais variados países tributários das práticas e discursos do Velho Mundo. Também não é objeto dessa investigação uma comparação entre mitos da Antiguidade, mas convém citar talvez o mais conhecido, o do universo helênico, que é a história de Orfeu: tanto no mito judaico-cristão quanto no mito grego, o “olhar para trás” é amalgamado a um castigo. A mulher de Lot transforma-se num pilar de sal⁴; Orfeu perde para sempre Eurídice para o mundo inferior. Há diferenças, também: em nenhum lugar do Gênesis, o Xeol é citado, enquanto que, no mito grego, o Hades é fundamental para o desenvolvimento do mito, afinal Orfeu representa

⁴ A menção de transformar-se em um pilar especificamente de sal também carrega um significado: “O sal no universo mitológico judaico-cristão é ambíguo: ora ele é um ‘veneno’ que ‘queima os olhos’ (Melamed, 1996, p. 48), ora ele é o que nutre a terra (Mateus 5: 13-16). No caso da mulher de Lot, o primeiro sentido suplanta o segundo, uma vez que a punição foi tão exemplar que atravessou séculos.” (Filho; Beserra, 2021, p. 36).

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

na mitologia grega aquele que é ligado à “expição das faltas e dos crimes” e sua catábase está ligada ao mundo inferior (Brandão, 1991, p. 196 *apud* Filho; Beserra, 2021, p. 34).

Em uma análise crítica particularmente ligada a aspectos históricos, a expiação e a culpa⁵ são temas apontados como cruciais – e que ainda conversam com a atualidade. Considerando a problemática da desigualdade entre os gêneros, assim como a supramencionada quase literal demonização dessa mulher – que ousou olhar pra trás – é muito simbólico que sobre a mulher de Lot teria recaído o castigo de ser petrificada. Isso porque a necessidade de controle e de domínio sobre a mulher é tal que, quando ela desafia essa ordem, ela é transformada em algo não-humano – ela deixa de ser uma mulher, por não assumir o papel que é imposto a ela por ser mulher.

Não seria por acaso, portanto, que na literatura posterior, muito se fala também sobre o fato de que essa mulher – chamada apenas de “mulher de Lot” – não teria um nome específico atribuído a ela. Em *Um nome para ela*, Benedito Costa Neto Filho e Eduardo de Lima Beserra fazem questão de chamar a atenção para a questão de que apesar de na tradição judaica, por exemplo, indicar-se que ela se chamaria Ado ou Ester, a nomeação inexistente na narrativa cristã: “Na tradição oral e escrita religiosa, a mulher de Lot continua sem nome” (2021, p. 37).

Ironicamente, a não-identidade desta mulher, representativa do seu papel de exemplo negativo na lição proposta pelo mito, ganhou novos contornos. A ironia consiste na sua rebeldia, motivo da sua invisibilização, acabar por representar a insubordinação feminina; a resistência frente a autoridade masculina. Nessa perspectiva, a sua importância na transmissão da mensagem é ressignificada, justamente com a própria: “Lembra-vos da mulher de Ló” (Gêneses, 17:32).

Primeiramente, a obediência – ou a falta dela – parece ser o aspecto mais próximo presente em homilias e em textos escritos, da antiga tradição judaica, passando pela Idade Média e mundo bizantino, pelo

⁵ A culpa pode ser interpretada, em análise literária, também como uma espécie de “personagem” feminina, à exemplo do seu papel na obra de Franz Kafka.

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

universo barroco de um Padre Vieira, até chegar a cada homilia em cada paróquia mundo afora: *a mulher deve obedecer ao marido, como todo fiel deve obedecer a Deus*, sendo a figura masculina marido-Deus muito presente e forte numa sociedade, ou em sociedades, dominadas pelo falocentrismo, pelo poder masculino, pela dominação heteronormativa masculina (Filho; Beserra, 2021, p. 34-35).

O discurso construído sobre o mito, então, se desenvolve na medida em que cada contexto – sobretudo temporal – o interprete de sua maneira, atribuindo-o significado(s). Nesse sentido, a poesia posteriormente dedicada ao mito, foca em explorar a figura da mulher de Lot como símbolo de rebeldia e empoderamento. A lírica gira em torno do arquétipo da personagem e sua postura como metáfora de libertação feminina.

3 A MULHER DE LOT NA PERSPECTIVA DO RELACIONAMENTO ABUSIVO

Apesar de representar uma reflexão relevante em uma crítica feminista, há que se considerar que o discurso – por forças internas e externas – acaba por ser variável, e, portanto, permite que dele se depreenda uma pluralidade de mensagens. Com essa consciência, apresentam-se novas contribuições à crítica mencionada, quando se desloca o olhar para outras possíveis associações, considerando principalmente a expectativa social de um ou outro tempo, afinal, “há um abismo entre o dito anteriormente e o dito agora” (Filho; Beserra, 2021, p. 38).

Dessa maneira, se procede-se à associação proposta de transferir olhar para a expectativa social mais atual possível, ela vai no sentido de esperar que as mulheres sejam indiscriminadamente livres, mas isso reserva alguns “perigos hermenêuticos”. Isso porque se impõe uma falsa ideia de que a igualdade está a fácil alcance, o que consequentemente coloca a mulher que está aprisionada em um relacionamento

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

abusivo em um lugar de – também falso – arbítrio; como se já não houvessem barreiras para a sua libertação.

O que se propõe é olhar essa mulher não mais como um arquétipo de empoderamento, mas como uma mulher em sofrimento – que tem um caminho de desafios a serem superados rumo à sua libertação: a mulher hesitante em abandonar um relacionamento abusivo. Essa mudança de perspectiva transforma o significado de diversas simbologias, passando uma nova mensagem, mas ainda atrelada a essência da crítica feminista. Ambos os poemas a serem analisados dão destaque aos motivos por trás das decisões da protagonista; aos seus receios e desejos – o que permite um olhar mais sensível para a sua luta e, conseqüentemente, também para a sua derrota.

Sendo assim, a interpretação dos aspectos presentes no mito da mulher de Lot mudam de figura. A cidade de Sodoma, prestes a reduzir-se a ruínas, passa a representar a relação entre Lot e a protagonista, ao passo que o “olhar para trás” representa, agora, o dirigir-se ao passado dessa relação – a visita à memória afetiva do momento em que esse “lugar” ainda era positivo; não encontrava-se em decadência. Nessa lógica, por fim, deixar Sodoma se desprende da simbologia de seguir o marido, mas, paradoxalmente, significa seguir em frente – assim como ele – superando a verdade cruel de que cenário de companheirismo não mais existe, deixando as ruínas do relacionamento para trás.

3.1 A MULHER DE LOT POR WISLAWA SZYMBORSKA

O poema de Wislawa Szymborska retrata o drama da mulher de Lot em primeira pessoa: é a própria protagonista contando a sua própria história. Ela já inicia fazendo uma afirmação expressa sobre as suas razões, o que já introduz o leitor nesse movimento que se seguirá durante todo o texto de aprofundamento nos motivos da

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

personagem – motivos esses que são negligenciados pelo julgamento social quando se trata da manutenção de relacionamentos abusivos. A mulher de Lot anuncia: “Dizem que olhei para trás de curiosa, mas quem sabe eu também tinha outras razões”.

A partir daí, o eu lírico diz ter olhado “para trás de pena pela tigela de prata”, o que remete a uma analogia ao que se pode entender como algo supérfluo, luxo, capricho. A prata pode ser entendida como um desses pequenos “detalhes” (super)valorizados pela personagem, mas também como uma metáfora mais direta referente aos bens materiais – tal qual poderia se considerar o papel do patrimônio financeiro construído na relação – como uma das tantas razões da hesitação dessa mulher. Isso ganha um peso maior ainda na crítica feminista, quando se enxerga a dependência financeira como uma das grandes problemáticas enfrentadas pelas mulheres na dissolução das uniões matrimoniais com os homens.

Aprofundando-se no tópico dos seus motivos, a mulher de Lot afirma ter olhado para trás também “para não olhar mais para a nuca virtuosa” do seu marido. É muito simbólico, nesse trecho, o incômodo do eu lírico com a sua posição de estar atrás do homem que é o seu companheiro – e não ao lado. Nesse cenário, a personagem estaria tentando fugir de testemunhar o afastamento de Lot – o seu movimento de traçar um rumo, enquanto ela apenas o segue. Ela olha para trás como quem olha para o passado, quando não era essa a realidade, fantasiando com o passado; com o cenário que já fora outrora de companheirismo.

Carregando mais ainda na melancolia, a personagem cita ter olhado para trás “pela súbita certeza de que se eu morresse ele nem diminuiria o passo”. É forte aqui a expressão do sentimento de que, na analogia proposta, a sua sensação é de que se deixa para trás o passado, não seria capaz de seguir a vida como faria o seu marido. A ideia de que a mulher se sente incapaz de trilhar um caminho independente

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

se reforça quando mais adiante, o eu lírico reitera: “olhei para trás por receio de onde pisar”.

Em um ponto chave da poesia, declara a mulher de Lot: “pela desobediência dos mansos, alerta à perseguição”. Note-se que a desobediência, aqui, não vem a exprimir resistência; revolta; rebeldia. Essa desobediência estaria mais ligada à teimosia; à hesitação pela incapacidade de ceder às expectativas sociais sobre essa mulher que se espera insubmissa, mas que cede à mansidão. Ela desobedece a expectativa romantizada sobre luta pela sua liberdade, e não o seu marido ou Deus – apesar de estes são também, de qualquer modo, personificações que refletem as expectativas mais marcantes de outro momento histórico.

O eu lírico cita a “esperança de Deus ter mudado de ideia”, expressando um otimismo; uma crença na possibilidade de que seu destino – que parecia fadado à destruição – pudesse reverter-se. A sua esperança é associável à cega crença feminina de que, na condição de toxidade da convivência posta em pauta, pudesse haver uma mudança de postura da figura do companheiro. É demasiadamente comum essa fé por parte das mulheres de que os homens vão mudar comportamentos tóxicos – que mudarão por elas.

Aproximando-se do encerramento do texto, ela diz sentir em si “a velhice. O afastamento. A futilidade da errância.” Agora já reina em seus pensamentos, em contraposição ao momento anterior, a desesperança; o contentamento com a infelicidade. Em um último momento de desespero, ela diz: “Olhei para trás de solidão. De vergonha de fugir às escondidas. De vontade de gritar, de voltar.” Essa mulher sem nome se enxerga desmoralizada, e por isso confessa ter tido a impressão de que a “viam dos muros de Sodoma e caíam na risada”.

O fim do poema se consolida, então, com o eu lírico entregando-se ao fracasso: “Olhei para trás de raiva. Para me saciar de sua enorme ruína”, é possível admitir que, no contexto do que o que teria ficado para trás seria o cenário de um relacionamento

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

próspero, identifica-se na fala da mulher de Lot uma postura de autopunição. Quando, finalmente, ela diz: “Olhei para trás por todas as razões mencionadas acima. Olhei para trás sem querer” pode-se inferir que o eu lírico tende a querer se emancipar; a seguir em frente, mas acaba por olhar para trás – falhando, mesmo que não queira.

3.2 A MULHER DE LOT POR ANNA AKHMATOVA

Em paralelo, o poema de Anna Akhmatova também se caracteriza por dar atenção aos conflitos internos do eu lírico – a mulher de Lot – mas fica claro apenas na sua conclusão a relevância da paralisação vivida por ela, em consequência. Essa estagnação; essa imobilidade, se revelará essencial para a compreensão do afunilamento feminino no relacionamento abusivo, que está no âmago da associação literária sob a ótica de gênero.

O texto de Akhmatova – em terceira pessoa – já inicia com a atribuição à Lot da titulação de “homem justo”, que seguia o caminho que Deus teria orientado, porém logo alerta: “Mas a angústia falava bem alto à sua mulher: Ainda não é tarde demais”. A personagem então, ao internalizar a consciência sobre a destruição iminente, coloca-se em negação, ao passo que faz o já citado movimento de dirigir-se às lembranças do que teria sido um dia um “lugar” próspero. A própria descrição espacial remete a cenas de felicidade vividas por ela, pelo casal, pela família.

O clímax é quando, em seguida, narra-se que “Ela olhou e – paralisada pela dor mortal –, seus olhos nada mais puderam ver. E converte-se o corpo em transparente sal e os ágeis pés no chão enraizaram-se.” O fenômeno aqui descrito pode ser traduzido como uma “fossilização”⁶, ou seja, uma paralisação do sujeito

⁶ Relata-se que é muito comum que os alpinistas, quando escalam altas montanhas, sofram com a fossilização. Mais sujeitos do que a quedas, eles correm o risco de se paralisarem diante da altura já subida ou dos metros que ainda resta-se vencer, de modo que perecem pela imobilização, e não pela falha do movimento.

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

diante de uma situação desafiadora, e, especialmente, do medo. A figura central da associação, a mulher que se acomoda; insiste em relações tóxicas e violentas, cederia então a essa tendência de se paralisar diante do sofrimento.

4 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A FIGURA DA VÍTIMA FEMININA

Em um contexto de submissão feminina ao fenômeno de violências sobrepostas (Cavalcanti, 2018) – ou seja, em múltiplos e diversificados níveis – a investigação sobre os seus processos históricos de vitimização se faz necessária. A acumulação primitiva que se instaurou na formação subjetiva da mulher, tal como alerta Silvia Federici (2017), edificou uma cultura de culpabilização a ela dirigida; como uma estratégia de revitimização. Diante de um imaginário popular construído sobre dicotomias martirizantes, é sempre da mulher a responsabilidade solitária pelas próprias mazelas: ou ela é culpada por uma postura excessivamente ativa ou excessivamente passiva.

Nesse cenário, urge a problemática das barreiras que se estabelecem de forma a dificultar a empatia com a mulher-vítima, com base nas expectativas socialmente construídas sobre a *persona* feminina. É como se a alteridade voltada às mulheres – como um grupo; uma coletividade – fosse interdependente da sua correspondência com o que se espera delas. O sentimento de solidariedade com o sofrimento feminino é proporcional à sua postura de adequação ao papel social imposto a elas, e, frise-se: isso atravessa até o próprio fator histórico que define essas referidas expectativas sociais.

Judith Butler (2011) já alertara para a importância da maneira como os sujeitos são representados para que eles transmitam a sua demanda ética de alteridade, no sentido de que a precariedade das suas vidas possa efetivamente alcançar a

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

sociedade. Com isso, a literatura se mostra um recurso eficaz para cumprir essa função de estabelecer uma conexão entre a personagem feminina – como representação da “categoria mulher” (Piscitelli, 2002) como sujeito de vidas precárias – e o leitor. Essa identificação estabelecida é essencial para a resposta social empática, pela sua potencialidade de humanizar o outro.

Os processos de identificação perpassam então pelo desvelamento das relações simbólicas que atravessam a socialização feminina – enfatizando a importância do simbólico para o feminino e conseqüentemente, para o feminismo. É crucial que se pontue que especialmente nas relações heterossexuais, o afeto se culturaliza, e a cultura na qual as mulheres se desenvolvem é marcadamente permeada por violências simbólicas. Os mitos; as epopéias; a poesia; todos os recursos literários repletos de enigmas simbólicos permitem que se atribua significado aos fenômenos sociais, e, reciprocamente, os fenômenos são constantemente atrelados aos símbolos.

No caso específico do fenômeno da culpabilização da mulher no contexto do relacionamento abusivo, as subjetividades que incidem no processo de vitimização se explicam sobretudo pelas conseqüências da violência psicológica como dimensão – silenciosa, mas arrebatadora – no ciclo de violência. O atravessamento do simbólico na *psiqué* feminina, aqui, tem o implacável poder paralisante: a mulher é imobilizada pelas crenças que a ela foram impostas no seu processo de socialização influenciado pela estrutura misógina, e a culpa é a réplica óbvia de uma sociedade que desconhece o peso dessas subjetividades.

Diante da proposta de reinterpretação do mito da mulher de Lot sob essa ótica do relacionamento abusivo, a partir da poesia construída sobre ele, permite-se dar a necessária ênfase às particularidades da experiência feminina. Principalmente no texto de Wislawa Szymborska, fora possível identificar as reações da mulher pela violência sofrida, como a passividade, vergonha, decepção, sofrimento e,

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

inevitavelmente, conforme os influxos também externos supramencionados, a culpa. Pode-se identificar ainda, no mesmo poema, o retrato das principais consequências da violência: o trauma, o desamor e a insensibilidade, e a diminuição de qualidade de vida e inserção social por eles causados (Fonseca *et al.* 2012).

Senti em mim a velhice. O afastamento. A futilidade da errância. Sonolência. Olhei para trás enquanto punha a trouxa no chão. Olhei para trás por receio de onde pisar. No meu caminho surgiram serpentes, aranhas, ratos silvestres e filhotes de abutres. Já não eram bons nem maus –simplesmente tudo o que vivia serpenteava ou pulava em pânico consorte. Olhei para trás de solidão. De vergonha de fugir às escondidas. De vontade de gritar, de voltar. Ou foi só quando um vento me bateu, despenteou o meu cabelo e levantou meu vestido. Tive a impressão de que me viam dos muros de Sodoma e caíam na risada, uma vez, outra vez (Szyborska, 2011, p. 56-57).

Além disso, é possível associar as palavras de Szyborska mas também as de Akhmatova sobre os conflitos internos da mulher de Lot às perspectivas que as mulheres em situação de violência projetam para o futuro: a expectativa de mudança do agressor, de realização pessoal, de dedicação aos filhos, da saída do ciclo de violência, e é comparável até a própria ausência de percepção real da situação em que vivem (Fonseca *et al.*, 2012).

A própria ambiguidade entre o ser “esposa de Lot” e/ou “mulher que pertence a Lot” revela uma desumanização pela subalternidade feminina também presente na situação hipotética em pauta. A dependência estabelecida entre a mulher e o seu companheiro, principalmente à nível emocional, é um aspecto decisivo para a amplitude do fenômeno da violência e dos seus desdobramentos (Ferreira; Danziatto, 2019).

O falocentrismo estabelece uma assimetria entre os gêneros que marca tão profundamente o inconsciente feminino que, diante da iminência de desintegração da sua ligação com seu parceiro, a mulher está inevitavelmente sujeita a hesitar. Enquanto o afeto masculino é contido pela sua individualidade, o feminino está

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

condicionado: a mulher infere que o homem pode tranquilamente viver sem ela, mas ela não teria a mesma capacidade, e então estagna-se.

Mesmo com a percepção de traços masoquistas no comportamento feminino diante da parceria amorosa – tóxica –, é importante não apenas que se esclareça que estes traços não refletem uma condição estrutural; natural, mas que se entenda como um posicionamento plausível frente à pluralidade de questões que perpetuam o seu contexto de opressão (Ferreira; Danziatto, 2019).

A supressão da agressividade, prescrita constitucionalmente e imposta socialmente à mulher, favorece o desenvolvimento de fortes impulsos masoquistas, que, como sabemos, têm êxito em ligar-se eroticamente a inclinações destrutivas voltadas para dentro. De modo que o masoquismo é, como se diz, realmente feminino (Freud, 2010, p. 268).

Assim como as expectativas sociais para uma mulher submissa que outrora reinou na sociedade, a espera pela mulher empoderada também não pode servir de pretexto para a sua culpabilização se acaso ela fracasse na busca por libertação. A postura compreensiva com a mulher que hesita em se libertar é resultado do esclarecimento sobre as forças culturais que operam sobre a sua experiência afetiva – e essa empatia serve muito mais à luta do que o julgamento.

Vale apontar que os versos finais de Akhmátova descrevem uma infelicidade muito grande, uma mulher para quem não há lágrimas: [...] ‘quem vai chorar por essa mulher? Ela não seria a menor de suas perdas? Meu coração nunca esquecerá quem deu a vida por um único olhar’ Enquanto a mulher, aqui, vale menos que os objetos perdidos, o verso de fechamento do poema dividido em estrofes de quatro versos, a “chave de ouro” do poema, traz uma ideia do que poderíamos chamar hoje “sororidade” (Ferreira; Danziatto, 2019, p. 140).

Não é à toa, portanto, que é assim o desfecho da obra de Akhmatova: com o questionamento sobre quem há de chorar por essa mulher. A autora ainda se pergunta se ela não é insignificante demais para que a lamentem. O que se pretende

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

demonstrar, por fim, é que – apesar dos mecanismos de opressão se renovarem historicamente – não se pode perder de vista a alteridade com essa figura feminina.

Quando Akhmatova pergunta: “quem há de chorar por essa mulher?” o que está implícito é que ninguém há de chorar – mas especialmente nós, as outras mulheres, deveríamos. E a sororidade como uma relação empática entre mulheres emerge na mensagem passada pela autora, que declara: “E, no entanto, meu coração nunca esquecerá quem deu a própria vida por um único olhar”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de visitar aquilo que já teria sido edificado sobre o mito da mulher de Lot, revelam-se alguns aspectos que são sustentáculo da interpretação feminista sobre a protagonista como arquétipo de empoderamento. A insubmissão diante da figura do seu marido e também de Deus é um dos marcos da sua atitude transgressora, por serem ambas figuras masculinas representativas de uma autoridade moral religiosa e patriarcal. Além disso, tanto a sua associação à figura de Lúcifer – pelo simbolismo do “olhar para trás” – quanto o próprio castigo de transformá-la em estátua de sal, apontam para uma desumanização decorrente da sua inadequação com o papel de mulher a ela imposto. A inexistência de um nome próprio para a protagonista se mostra uma estratégia de apagamento da sua identidade, pelo mesmo motivo.

Na proposta de uma nova interpretação sobre o mito, utiliza-se como referência histórica a expectativa social: em tempos atuais – apesar das antigas expectativas pela mulher dominada ainda perdurarem – a espera de que as mulheres sejam indiscriminadamente livres reserva o que fora chamado de “perigos hermenêuticos”, no sentido da possibilidade de sugerir uma igualdade idealizada. Diante da

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

problemática dos relacionamentos abusivos, a mulher que hesita em deixar esse lugar que a vulnerabiliza sofre com a culpabilização da sociedade pela ausência de empatia com os diversos desafios a serem superados rumo à sua libertação.

Na poesia mitológica de Wislawa Szymborska – sob essa nova proposta interpretativa –, o enfoque é justamente no que é negligenciado pelo julgamento social e consequente culpabilização da vítima: as suas razões íntimas e pessoais. Destaca-se o seu movimento de flerte com o passado, e a natureza da sua desobediência mais voltada à teimosia do que a rebeldia em si, a “desobediência dos mansos”. Ela demonstra querer se emancipar, mas sucumbe às suas fantasias.

O texto de Anna Akhmatova também dá atenção aos conflitos internos da protagonista, mas a maior atenção dada à descrição do seu castigo da transformação em uma estátua de sal remete mais ao fenômeno da fossilização; da paralização do sujeito diante desses conflitos. Isso desperta – na lógica da humanização e desumanização – para o fato de que algo sobre a interação dos sujeitos com a terra nos faz mais humanos. Nessa mesma tendência ao olhar humanizante, é também nesse poema que se identifica o pertinente questionamento: “quem há de chorar por essa mulher?”

Por fim, depreende-se da associação entre a protagonista da poesia mitológica e da figura hipotética da mulher vítima de violência doméstica que é sempre delas a responsabilidade solitária pelas próprias mazelas; a alteridade voltada a elas é interdependente da sua correspondência com o seu papel social. Barreiras se estabelecem para dificultar a empatia com a mulher-vítima, como a desvalorização da influência das relações simbólicas que atravessam a socialização feminina, especialmente no que se refere ao afeto – que se culturaliza em um contexto marcadamente violento para elas.

XI CIDIL

Colóquio Internacional
Direito e Literatura

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

REFERÊNCIAS

AKHMATOVA, Anna. **Antologia poética**. tradução de Lauro Machado Coelho. Porto Alegre: L&PM, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas** – Magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rounet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRANDÃO, Junito. **Dicionário Mítico-Etimológico**. v. II. Petrópolis: Vozes, 1991.

BUTLER, Judith. Vida precária. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Violência(s) sobreposta(s): Contextos, tendências e abordagens num cenário de mudanças. *In*: DIAS, Isabel (Org.). **Violência doméstica e de gênero: Uma abordagem multidisciplinar**. Lisboa: Pactor, 2018, v. 1, pp. 97-122.

Direito e Literatura
nos 100 anos de Modernismo no Brasil

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa** – mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, Esther de Sena; DANZIATTO, Leonardo José Barreira. A violência psicológica na mulher sob a luz da psicanálise: um estudo de caso. **Cad. Psicanál.** (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 41, n. 40, p. 149-168, jan./jun. 2019.

FILHO, Benedito Costa Neto; BESERRA, Eduardo de Lima. Um nome para ela: o mito de Lot na poesia moderna. **Revista Científica do UniRios**, 2021.1. Disponível em: <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/42/42> Acesso em: 18 nov. 2022.

FONSECA, Denire Holanda da; RIBEIRO, Cristiane Galvão; LEAL, Noêmia Soares Barbosa. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. Centro Universitário de João Pessoa, João Pessoa, Brasil. **Psicologia & Sociedade**; 24 (2), 307-314, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/bJqkynFqC6F8NTVz7BHnt9s/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 08 out. 2022.

FREUD, Sigmound. **Feminilidade**. Obras completas, 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GÊNESIS. **Bíblia sagrada** (contendo o antigo e o novo testamento). Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? *In: A prática feminista e o conceito de gênero*. Leila Mezan Algranti. Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. Adriana Piscitelli / Ana Maria Goldani. Textos didáticos, nº48 – Novembro de 2002. Disponível em: <https://sociologiajuridica.files.wordpress.com/2015/03/adriana-piscitelli.pdf> Acesso em: 10 nov. 2022.

SZYMBORSKA, Wisława. **Poemas** / Wisława Szymborska; seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien — São Paulo : Companhia das Letras, 2011. TORÁ (traduzida e comentada pelo Rabino Meir Matzliah Melamed). São Paulo: Séfer, 2001.